



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>

Vol. 13 N. 01 2017

Literatura e Confinamento I

## ***João & Maria: dúplice coroa de sonetos fúnebres, de Leonardo Antunes***

Guto Leite  
UFRGS

*João & Maria: dúplice coroa de sonetos fúnebres*, de Leonardo Antunes, é um belo livro de poemas. O adjetivo, geralmente usado de maneira vaga, busca, neste caso, uma maior precisão. Belo, porque os poemas são acompanhados das ilustrações de Augusto Lima, em preto e branco com geralmente uma única cor – vermelho, azul, amarelo, roxo –, em rico diálogo com os sonetos, ora dando representação plástica à cena descrita, ora acrescentando outras leituras. Belo, porque os poemas demonstram evidente cuidado na sua construção sem que esse cuidado resulte em paixão pelo artifício, de cariz mecanicista ou fetichista. O leitor que gosta de poemas experimenta, no percurso da leitura, um notável prazer provocado por essas belezas e tem, com efeito, a sensação de saborear o livro. Longe de reduzir o livro a esse seu mérito, que não é de forma alguma trivial ou fácil de ser obtido, quis reproduzir primeiro o que acredito ser o que o leitor vivencia de imediato para depois adentrar os aspectos menos aparentes da forma.

O primeiro desses aspectos é o fato de tratar-se de duas coroas de sonetos. Como o próprio autor explica no prefácio, são ciclos de poemas que, além de tratarem de temas relacionados ou desenvolverem um mesmo tema, possuem regras próprias de composição. Em *João & Maria*, cada coroa é composta por quinze sonetos, um soneto matriz e quatorze sonetos derivados. O primeiro desses quatorze começa com o primeiro verso e termina com o segundo verso do soneto matriz. O segundo dos sonetos derivados começa com o segundo verso e termina com o terceiro verso do soneto matriz, e assim sucessivamente. Se consegui descrever bem, o leitor observará que é como se o sonetista fosse expandindo o soneto original, intercalando doze

versos entre uma linha e outra. Como o movimento termina entre o último e o primeiro verso do soneto matriz, forma-se, quase visivelmente, uma coroa.

Isto é, dentre infinitas regras que poderia escolher para entrelaçar seus sonetos, o autor optou por uma que propicia um desdobramento a propósito do poema original. No caso de “João”, o suicídio inesperado de um trabalhador se abre para uma recuperação da noite de sua morte e, em seguida, para um julgamento eclesial que acaba por considerá-lo um homem santo – vale notar a fala da mãe de João, que se estende por três sonetos, ininterruptamente. No caso de “Maria”, o linchamento da mulher por seu marido revela-se uma intrincada combinação de assédio, furto de carne como vingança, prostituição, chantagem, adultério, súbito heroísmo e morte – aqui destaco o soneto XIV, que se encerra com os seguintes tercetos: “Alguns dias mais tarde, no velório, / Compareceram poucos. Pouco luto. / A mãe, doente com osteopatia, // E os filhos colocaram-lhe, simplórios, / Por epitáfio o dito dissoluto: / ‘Maria trabalhava todo dia’.” Recuperei as duas coroas para argumentar que o procedimento escolhido se afina a um espírito complexificador, que almeja suspender as versões lapidares das histórias das duas figuras para perscrutar-lhes as motivações, os encadeamentos, as tensões sociais. Salvo melhor juízo, matéria e fatura operando em convergência.

Assim sendo, tampouco podemos nos esquecer das implicações das escolhas desses nomes. O primeiro registro remete à história, de tradição oral, de Hänsel e Gretel, coletada pelos irmãos Grimm. Dele, o João e a Maria dos sonetos herdaram a pobreza, a violência – da madrasta e da bruxa, no caso do conto – e a condição de certo abandono social. O final feliz, no entanto, é negado aos protagonistas dos poemas. Aliás, talvez seja contraditório falar em desfecho. Como as coroas findam pelo primeiro verso do soneto matriz, embora as histórias pessoais sejam lineares, suas estruturas são circulares. Partindo daqui podemos caminhar para um segundo registro: João e Maria são também nomes comuns, indistintos, que logram tanto da desimportância do qualquer – o João de Bandeira, de Gilberto Gil; a Maria Ninguém dos ditados e de Rita Lee –, quanto da força de representarem coletivamente a massa enorme dos desimportantes no Brasil. Por essa leitura, a circularidade trágica das duas personagens aponta para a dificuldade quase intransponível de suas condições, como se coubesse aos tantos Joões e Marias desse país andarem à roda de violências de toda sorte – que, apesar de frequentes e ubíquas, merecem o escrutínio cuidadoso do eu poemático. As coroas que lhe cingem os crânios são de espinhos, ou melhor, são imaginárias, como aquela que Rubião leva à cabeça na obra-prima de Machado.

Lendo dessa forma, abre-se um caminho ainda mais inaudito de interpretação. Evidentemente grandes sonetistas, de ontem e de hoje, já subverteram a vocação original da forma soneto, do tratamento acabado de uma tópica, oxalá encerrada a verso de ouro, elaborando as mais diversas matérias e assumindo mil e um modos de ser. No entanto, em virtude de serem duas coroas de sonetos – ou uma “dúplice coroa de sonetos fúnebres”, indicando o tratamento de tema afim –, de serem atravessadas por vozes de diversos extratos sociais, de apresentarem preocupação de registro popular na voz do narrador das histórias etc., percebo certa e bem-vinda tensão entre o arremate do sonetista e a abertura do romancista. Para ser claro, se Bakhtin define o romance como “um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo, heterovocal” (BAKHTIN, 2015, p.27), não entendo ser descabido afirmar que são sonetos com alma de romance. Avançando mais, e pensando “romance” como um certo modo de ser da linguagem a despeito das formas fixas que ensejam, creio ser até mesmo possível dizer que seja um pequeno romance espelhado, com dois protagonistas, em que pese a pequena extensão. Em bem cuidados versos, é claro, mas vocacionados para a explicação da coletividade.

Em suma, saem saciados do livro tanto os leitores que buscam a fina realização poética, quanto os que esperam a representação borrada e vivaz de um mundo em construção – não são qualidades opostas. A acurácia do tradutor, o corpo do manifestante, as ponderações do professor, o amor à beleza dos poetas; tudo em combinação orgânica decantada nos textos. As poucas fraturas eventualmente encontradas nos versos – como em “Horrífica visão!”, seria mesmo possível esse termo à mãe de João, ou a João, em discurso indireto livre? – e os pontos de alta poesia por todo o texto – “Por fim, havia os que se limitavam / A repetir tementes ‘miserere’” – *reputo* ao homem que está vivo e escreve. Estar efetivamente vivo é hoje dos maiores elogios. Que venham mais poemas, traduções, aulas, romances!

## Referências

- ANTUNES, Leonardo. **João & Maria**: dúplice coroa de sonetos fúnebres. São Paulo: Patuá, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I**: A Estilística; trad., prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; org. da edição russa: Serguei Botcharov & Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.